

**A MIRAGEM DO LUSO-TROPICALISMO EM
*BREVIÁRIO DO BRASIL E CASA-GRANDE E SENZALA***

Marta Freitas Mendes¹

RESUMO: Este artigo pretende abordar os reflexos de *Casa-grande e senzala* (1933), ensaio sociológico do brasileiro Gilberto Freyre, na representação do Brasil expressa no diário de viagem *Breviário do Brasil* (1991), da renomada escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís, a partir de três ideias recorrentes em ambas as obras, a saber: a) não existe racismo no Brasil; b) o português foi um colonizador menos agressivo; c) o erotismo permeia as relações entre os brasileiros. A obra de Gilberto Freyre é elogiada em *Breviário do Brasil*, sendo que *Casa-grande e senzala* constitui para Bessa-Luís uma “cartilha maravilhosa”, isto é, um texto de referência, para a investigação da realidade brasileira. Considerando isso, o objetivo deste trabalho é refletir sobre como o diálogo entre as referidas obras pode levar ao reforço de estereótipos e até mesmo de preconceitos sobre o Brasil e seu povo e, a partir dessa discussão, pensar sobre as armadilhas dos conceitos de luso-tropicalismo e de comunidade luso-brasileira, com o auxílio de pensadores como Eduardo Lourenço e Roberto Vecchi.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura portuguesa. Pós-colonialismo. Luso-tropicalismo.

ABSTRACT: This article aims to address the reflexes of *The masters and the slaves* (1933), an essay by Brazilian sociologist Gilberto Freyre, in the representation of Brazil expressed in the travelogue book *Brazilian Breviary* (1991), written by the renowned Portuguese writer Agustina Bessa-Luís, based on three recurring ideas in both works: a) there is no racism in Brazil; b) Portugal were a less aggressive colonizer; c) eroticism permeates the relations between the Brazilian people. The work of Gilberto Freyre is praised in *Brazil Breviary*: Bessa-Luís says *The masters and the slaves* is a "wonderful book", what mean it's a reference text for the investigation of the Brazilian reality. Considering this, the objective of this work is to reflect on how the dialogue between the mentioned works can lead to the reinforcement of stereotypes and prejudices about Brazil and its people and, from this discussion, to think about the misunderstandings created by concepts as Lusotropicalism and Portuguese-Brazilian community.

KEYWORDS: Portuguese Literature. Postcolonialism. Lusotropicalism.

Escrevo este livro como se pusesse o joelho em terra no confessionário do Brasil, e contasse peripécias que são amores bem compreendidos.

Agustina Bessa-Luís

Introdução

Agustina Bessa Luís, nascida Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa, em 1922, é uma renomada escritora portuguesa. Estreou na ficção com o romance *A Sibila* (1954) e desde então

¹ Mestranda em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Licenciada em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, pela mesma Universidade. *E-mail*: marta.mendes@acad.pucrs.br.

escreveu mais de cinquenta obras, em diferentes gêneros: ficção, ensaio, peças de teatro, crônicas e relatos memorialísticos e de viagem. Destaque para os romances *As fúrias* (1977), *O mosteiro* (1980) e *Um cão que sonha* (1997). Agustina ganhou todos os grandes prêmios literários portugueses, além do Prêmio Camões (Portugal-Brasil) e de prêmios internacionais.

Breviário do Brasil traz o relato das viagens que a autora realizou pelo Brasil em 1989, em companhia de outros intelectuais portugueses, por promoção do Centro Nacional de Cultura português. Concluído no Porto, em 1989, *Breviário* foi publicado originalmente em Portugal em 1991, ilustrado por Fernando Távora, e com tradução de Mason Funk para o inglês. O livro chega ao Brasil apenas em 2016, através da editora Tinta da China, sob o título *Breviário do Brasil e outros textos*, com prefácio de Pedro Mexia e posfácio dos organizadores Manuel Vieira da Cruz e Luís Abel Ferreira, trazendo ainda outros escritos sobre o Brasil (de 1989 a 2004).

A palavra “breviário” (do latim lat. *breviarium* – sumário, resumo, compêndio) pode ter, dentre outras, as seguintes acepções: i) resumo, sinopse; ii) livro que reúne os ofícios que os católicos rezam diariamente; iii) as orações, salmos, desse livro; iv) livro que se está sempre a ler; livro predileto (HOUAISS, 2009). Com efeito, o texto de Bessa-Luís se apresenta como uma espécie de diário em que o leitor encontra impressões sobre a viagem, história e estórias das cidades visitadas – origem do nome, arquitetura, gastronomia e economia etc. – e narrativas do encontro de Bessa-Luís com importantes personalidades brasileiras, escritas de modo a frisar o vínculo afetivo que a autora nutre pelo país.

O Brasil sempre esteve sempre presente na vida da autora: “o pai da escritora foi negociante no Rio de Janeiro durante vinte e cinco anos, e um tio-avô viveu na Bahia. Ela conhece autores brasileiros desde criança e cita-os como se fossem da família.” (MEXIA, 2016, p. 15-16). Essa proximidade faz Agustina se considerar diferente de um viajante comum: “É muito diferente conhecer um país como itinerário, com a consulta acadêmica dos seus livros, e conhecê-lo de maneira cotidiana, natural e familiar. Eu conheci o Brasil assim, antes de cruzar as suas portas com o passaporte na mão.” (BESSA-LUÍS², 2016, p. 234).

A literatura brasileira ajudou Agustina Bessa-Luís a decifrar o Brasil:

Mas quem diz tudo de Recife é Manuel Bandeira. Quem sabia de tudo o que lá se passava, como quem vai para Pasárgada a vau do Capibaribe, era Manuel Bandeira. (...) Ainda hoje eu vou a Recife pela mão dele (...). (BESSA-LUÍS, 2016, p. 27)

² Portugal – Brasil: a memória pede meia sombra. In: BESSA-LUÍS, Agustina. *Breviário do Brasil e outros textos*.

Devo dizer que não me interessa nada o que se diz em geral do Brasil e dos brasileiros. São coisas sem nenhuma relevância; sem nenhuma importância no que se pensa que são coisas muito bem vistas. Mas os poetas brasileiros, nómadas todos eles, anfíbios nos rios e nas caatingas, sim. Cabral de Melo Neto é um poeta que canta o Capibaribe, no Recife. (BESSA-LUÍS, 2016, p. 30)

Ainda assim, em várias passagens do livro fica evidente que o Brasil não se deixa ler facilmente: “O Brasil e os seus mistérios do quotidiano não nos é oferecido; só a imitação da Europa.” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 71). É nesse sentido que a escrita do Brasil pelos brasileiros servirá como guia na tentativa de apreender nosso país em profundidade.

A obra do sociólogo, antropólogo e escritor pernambucano Gilberto Freyre é citada, louvada, e levemente criticada em *Breviário do Brasil*, constituindo para a autora portuguesa um texto de referência para a investigação da realidade brasileira. É a partir dessa constatação que este artigo buscará analisar o reflexo da leitura de *Casa-grande e senzala* para a compreensão do Brasil por Agustina Bessa-Luís. O objetivo deste trabalho não é aplaudir os “acertos” ou condenar os “erros” que a representação do Brasil feita por Bessa-Luís, enquanto portuguesa, possa trazer, mas avaliar em que medida a leitura de uma obra brasileira pode levar ao reforço de estereótipos e até mesmo preconceitos sobre o Brasil e seu povo, para, a partir dessa discussão, refletir sobre as armadilhas dos conceitos de luso-tropicalismo e de comunidade luso-brasileira.

Gilberto Freyre (1900 - 1987) nasceu em Recife, herdeiro de uma abastada família descendente de antigos senhores-de-engenho pernambucanos. Recebe educação esmerada, realizando seus estudos acadêmicos, da graduação ao doutoramento, nos Estados Unidos. É considerado um dos pioneiros da sociologia no Brasil, assim como um de nossos pensadores mais importantes e contraditórios. Escreveu o influente *Manifesto Regionalista*, de 1926, em que clama pela união do país por meio da valorização de suas particularidades regionais. De sua ampla obra são destacados aqui os célebres e polêmicos *Casa-grande e senzala* (1933), *Sobrados e mucambos* (1936) e *O mundo que o português criou* (1940).

Casa-grande e senzala, publicado em 1933, teve enorme repercussão nacional e internacional à época de sua publicação, e coloca-se até hoje como um dos livros fundamentais para se compreender, se não a sociedade brasileira, ao menos determinado pensamento sobre ela. Elogiada ou criticada, sempre referenciada, trata-se de uma obra de leitura incontornável, e dialoga com vários autores brasileiros e estrangeiros ao longo das décadas.

Entretanto, a explicação do Brasil a partir das relações entre senhores e escravos na casa-grande e senzala, retratadas de modo saudosista e com coloração afetiva, embora tenha o mérito

de integrar o negro na formação da sociedade brasileira, não escapa da crítica a passagens racistas, esdrúxulas e de tom atenuante, as quais contribuíram para a construção do mito da democracia racial brasileira:

É desse modo que a articulação entre uma retórica do afeto direcionada à presença africana na sociedade brasileira (saudade do escravo) e a crítica sociológica ao racismo e aos abusos do latifúndio dará sustentação para um dos discursos mais persuasivos da cultura brasileira, que é o da democracia racial. Se na década de 1930 esse discurso funcionou como uma carta de alforria intelectual diante das teses racistas que por tantos anos haviam dado o tom ao pensamento social brasileiro, nas décadas de 1960 e 1970 o mesmo havia se transformado em discurso oficial, extremamente favorável ao *establishment*. (MELLO, 2009, p. 286-287)

Breviário do Brasil e Casa-grande e senzala: aproximações possíveis

A leitura de *Breviário do Brasil* mostra que Agustina Bessa-Luís era conhecedora e admiradora da obra de Gilberto Freyre. A autora cita o *Manifesto Regionalista, Sobrados e mucambos* e, principalmente, *Casa-grande e senzala*. Para Bessa-Luís, “*Casa-Grande & Senzala* é ainda, e será um grande livro. Verdadeira introdução à História brasileira dos costumes (...).” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 29). As críticas são poucas: Freyre era saudosista em relação aos senhores de engenho, não devia ter acusado os portugueses de propagarem as doenças venéreas entre os índios e cometeu um erro ao se referir pejorativamente aos judeus. Afora isso, segundo Bessa-Luís (2016), *Casa-grande* é uma “cartilha maravilhosa” para quem quer conhecer o Brasil para além do olhar ufanista do português. O que talvez caiba apontar, e que é o intuito deste artigo, é que representação do Brasil em *Casa-grande e senzala* está muito mais próxima do imaginário português do que se possa supor por se tratar de uma obra brasileira.

Por motivos de espaço e necessidade de delimitação da pesquisa, este artigo analisará as relações entre *Breviário do Brasil* e *Casa-grande e senzala* a partir de três ideias que se repetem frequente e marcadamente em ambas as obras, a saber: a) não existe racismo no Brasil; b) o português foi um colonizador menos agressivo; c) o erotismo permeia as relações entre os brasileiros.

É significativo um trecho de *Breviário do Brasil* que congrega em poucas linhas os três pressupostos mencionados acima:

O racismo é um estado de alma; encobre as decisões que foram objectivos conseguidos na infância, como o amor duma mãe geniosa e que cultivou no filho o triunfo fácil, nos jogos, nos estudos, no convívio com os outros. (...)

Os portugueses foram negreiros como foram comerciantes; não desprezavam o homem, só o exploravam. E, depois, há um erotismo das situações que prevalece acima do cálculo. É isto que ainda hoje faz a praxe, na sociedade brasileira. (BESSA-LUÍS, 2016, p. 19)

O erotismo é uma constante em *Casa-grande e senzala*, e é difícil encontrar páginas que direta ou indiretamente não pintem o Brasil, desde os tempos de Cabral, como um lugar sem pudores, onde a promiscuidade não conheceu limites. Devassidão aliada a práticas como poligamia, incesto, zoofilia, dendrofilia, fetichismo, orgias e feitiços estão presentes nas passagens abaixo³:

O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase **intoxicação sexual**. O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela **devassidão**. (FREYRE, 2005, p. 160)

Quanto à monogamia, nunca foi geral nas áreas de cultura americana invadida pelos portugueses a **poligamia** tendo existido e existindo ainda entre tribos que se conservam intactas da influência moral europeia. (FREYRE, 2005, p. 167)

Em ambos – no menino de engenho, como no sertanejo – **a experiência física do amor se antecipa no abuso de animais e até de plantas** (...). São práticas que para o sertanejo suprem até a adolescência, às vezes até mesmo ao casamento, a falta ou a escassez de prostituição doméstica ou pública (...). (FREYRE, 2005, p. 211-212)

(...) o grosso das crenças e **práticas da magia sexual** que se desenvolveram no Brasil foram coloridas pelo intenso **misticismo do negro**; algumas trazidas por ele da África, outras africanas apenas na técnica, servindo-se de bichos e ervas indígenas. (FREYRE, 2005, p. 407-408)

Em nenhuma das modinhas antigas⁴ se sente melhor o **visgo de promiscuidade** nas relações de sinhô-moços das casas-grandes com mulatinhas das senzalas. (...) É mesmo possível que, em alguns casos, se amassem o filho branco e a filha mulata do mesmo pai. (FREYRE, 2005, p. 424)

Uma espécie de **sadismo** do branco e de **masoquismo** da índia ou da negra terá predominado nas relações sexuais como nas sociais do europeu com as mulheres das raças submetidas ao seu domínio. O furor femeeiro do português se terá exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo; ainda que se saiba de casos de pura confraternização do sadismo do conquistador

³ Grifos nossos.

⁴ A respeito da seguinte modinha recolhida por Elói Pontes: /Meu branquinho feitiçeiro/ /Doce ioiô meu irmão/ /Adoro teu cativo/ /Branquinho do coração/ /Pois tu chamas de irmãzinha/ /A tua pobre negrinha/ /Que /estremece de prazer/ / E vais pescar à tardinha Mandi, piau e corvina/ /Para a negrinha comer./ In: *Casa-grande e senzala* (v. ref.).

branco com o masoquismo da mulher indígena ou da negra. (FREYRE, 2005, p. 113)

A percepção de Agustina Bessa-Luís sobre o Brasil vai ao encontro do erotismo das páginas de Freyre: a autora descreve um país envolto em uma atmosfera sensual que se manifesta sem agressividade – ou melhor: de modo passivo-agressivo–, mas com persistência, reforçada pelo uso do afrodisíaco:

⁵Na realidade – e esse caráter, com os costumes mais livres, se acentuou decerto –, o **erotismo** tem uma graça romântica que encobre qualquer agressividade. (BESSA-LUÍS, 2016, p. 16)

(...) Há duas nostalgias que prevalecem: o índio da maloca e o negro da senzala. Um erotismo que se enlaça nessas relações de **submissão-agressão** deixa vestígios até na população citadina. (BESSA-LUÍS, p. 19-20)

No Brasil, como no Oriente, a importância dos **afrodisíacos** predomina. É afrodisíaco o licor de jenipapo, como na China é afrodisíaco o fel da cobra. (BESSA-LUÍS, p. 44)

Ao recordar de uma “formosa mulata que vivia na Póvoa, casada com um português, e que tinha o segredo da feijoada”, Agustina diz que essa mulher tinha um “ar malicioso e doce”, seu andar “trazia uma recordação da favela com as suas tribulações de pobreza e facilidade de afectos” e a “sensualidade do trato arrastava o coração para longe das ambições” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 46). Não bastasse o estereótipo da mulata sensual e a romantização da pobreza, a escritora portuguesa acrescenta que essa senhora com certeza sabia o segredo da verdadeira feijoada e de “feitiços, maneiras de amar”.

Até mesmo a Sé de Belém é descrita como um lugar erótico: “A Sé de Belém tem essa atmosfera profana e com um visgo libidinoso que acerta bem na área tropical.” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 45). O Senhor do Bom Fim, na Bahia, recebe consideração semelhante: “E ali nesse planalto do Senhor do Bonfim, quem se venera é Eros e os seus poderes.” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 95). A conotação desses espaços, à primeira vista inadequada para lugares sagrados, aqui se conforma bem à realidade tropical, ou seja, o erotismo e os trópicos aparecem associados na visão de Agustina.

Em *Casa-grande e senzala*, Freyre (2005) defende a ideia de que desde o início o Brasil constitui uma sociedade híbrida cujo desenvolvimento se deu “menos pela consciência de raça, quase nenhuma no português cosmopolita e plástico do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política.” (FREYRE, 2005, p. 65). O português

⁵ Grifos nossos.

chegara ao Brasil depois de um século de contato com os trópicos (Índia e África), onde havia demonstrado, conforme Freyre (2005), sua aptidão para a colonização híbrida e escravocrata. Freyre (2005, p. 66) atribui essa capacidade de adaptação do português ao seu “passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África.”

A tese do autor é que a África árabe e negra teve, por motivos geográficos (proximidade territorial) e históricos (invasão da Península Ibérica pelos mouros), uma influência “amolecedora” no caráter do português, transformando-o num povo em que o feudalismo, o cristianismo, o direito e a monogamia europeus sofreram o condicionamento das tradições africanas e islâmicas (FREYRE, 2005). Dessa forma, o colonizador português, cosmopolita, móvel e adaptável, teria feito da miscibilidade seu grande trunfo para a colonização em larga escala (FREYRE, 2005).

No Brasil, “pelo intercuro com mulher índia ou negra multiplicou-se o colonizador em vigorosa e dúctil população mestiça, ainda mais adaptável do que ele puro ao clima tropical.” (FREYRE, 2005, p. 74). A falta de gente suficiente para colonizar as novas terras, um problema para Portugal, foi compensada por essa imediata miscigenação, no que contribui muito, segundo Freyre (2005), os portugueses não terem escrúpulos de raça, apenas de ordem religiosa: “O Brasil formou-se, despreocupados os seus colonizadores da unidade ou pureza de raça. Durante quase todo o século XVI a colônia esteve escancarada aos estrangeiros, só importando (...) que fossem de fé ou religião católica.” (FREYRE, 2005, p. 91).

Apesar disso, os episódios de tortura de escravos pelos senhores brancos descritos em *Casa-grande* desmentem essa suposta convivência harmoniosa entre o português e seus dominados. Abaixo estão apenas dois exemplos:

Não são dois nem três, porém muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravos inermes. Sinhá-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. (FREYRE, 2005, p. 420-421)

(...) na verdade como se formarão para as virtudes sociaes os nossos corações, se nós brasileiros, desde que abrimos os olhos, é logo observando a cruel distinção entre senhor e escravo, e vendo pelo mais pequeno motivo e ás vezes por mero capricho rasgar desapiedadamente em açoites as carnes dos nossos semelhantes? Como apreciaremos o pudor, nós que vemos, ou mandamos levantar as roupas de uma desgraçada escrava para ser surrada?⁶

⁶ Retirado de carta de Padre Lopes da Gama, escrita no início do século XIX. In: *Casa-grande e senzala*. (v. ref.)

(FREYRE, 2016, p. 453)

A suposta ausência de preconceito racial em terras brasileiras é diretamente expressa por Agustina: “A Avenida Rio Branco tem ainda uma falta de maturidade no estilo, e nota-se uma total falta de preconceito racial.” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 15). No entanto, a própria autora, a exemplo de Freyre, cai em contradição, ao dizer que o mulato brasileiro busca no vício e no crime a desforra pela sua inferioridade social e o coloca, em um texto escrito já no final do século XX, como ser degenerado e perigoso (e, ainda por cima, chama o negro de estúpido):

O álcool e a droga resumem o que é na natureza passiva do mulato brasileiro a sua descoberta da vingança e do abuso. (BESSA-LUÍS, 2016, p. 15)

A verdade é que o Rio, com sua abundância de mestiços, que tem um procedimento de submundo – não de submundo moral, mas social –, que são imediatos a julgar as coisas e a vingar-se delas, é uma cidade perigosa para quem a frequenta, mas sempre com o espírito de rejeição. Diferente do negro, o mulato é, não raro, muito inteligente e dotado duma condição romântica que abrange tanto a crueldade como a dignidade do submisso. A delinquência pode ser para ele uma simples forma de acção, um refúgio das suas inaptações. (BESSA-LUÍS, 2016, p. 18-19)

E no mulato, frequentemente de olhos claros, estabelece-se uma cumplicidade física com o branco, em que entra um desespero, uma ironia, um desejo de trair, face aos falsos resultados da civilização da liberdade, em que os vícios tomam a proporção de hostilidade, mas do que luxúria. (BESSA-LUÍS, 2016, p. 43)

Aliás, para quem acredita que os portugueses como colonizadores “não desprezavam o homem, só o exploravam”, Agustina Bessa-Luís escreve algo intrigante, ao falar na culpa coletiva do Brasil em relação ao fantasma da escravidão, a não ser que consideremos que para a autora Portugal não tenha parte nisso:

Uma nação é a história da sua culpabilidade. Pode ser, inclusivamente, a história duma culpa emprestada, e, no caso do Brasil, atinge uma dimensão colectiva; porque o negro pede ao branco o fantasma da sua escravatura que criava uma relação erótica tão perfeita como só é possível quando a culpa de desencadeia entre a passividade e o poder. (BESSA-LUÍS, 2016, p. 141)

A ideia de que não há preconceito racial no Brasil, tendo em vista a miscibilidade, a tolerância e a flexibilidade atribuídas à colonização portuguesa, contribuem para engendrar outro mito em *Casa-grande e senzala*: o de que Portugal foi um colonizador mais brando, quase amigável, em comparação aos ingleses, franceses e holandeses:

⁷O escravocrata terrível que só faltou transportar da África para a América, em navios imundos, que de longe se adivinhavam pela inhaca, a população inteira de negros, foi por outro lado o colonizador europeu que **melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os escravos.** É verdade que, em grande parte, pela impossibilidade de constituir-se em aristocracia européia nos trópicos: escasseava-lhe para tanto o capital, senão em homens, em mulheres brancas. Mas independente da falta ou escassez de mulher branca o português sempre pendeu para o contato voluptuoso com mulher exótica. Para o cruzamento e miscigenação. Tendência que parece resultar da **plasticidade social**, maior no português que em qualquer outro colonizador europeu. (FREYRE, 2005, p. 265)

Breviário do Brasil corrobora essa imagem do colonizador português, caracterizando-o mais como aventureiro e desbravador do que como explorador e dominador: “Nós, os portugueses, como colonizadores, fomos uns loucos de coração puro”. (BESSA-LUÍS, 2016, p. 136). Mais do que isso, as páginas do *Breviário* trazem ressentimento: para Agustina, o Brasil não reconhece a herança civilizatória e cultural que Portugal deixou:

Somos como o pai velho que repartiu a herança em vida e que os filhos cospem na cara. Não é nobre, mas onde se viu herdeiro nobre senão a partir da centésima geração? (...) Uma pátria é um sentimento e não um punhado de razões. Para nós, o Brasil é um pouco uma pátria, quer queiramos quer não. (BESSA-LUÍS, 2016, p. 50).

É a voz de caráter supérfluo que nos persegue com certa insídia aqui no Brasil. O que interessa é o resultado final, e não a estrutura do real a que pertence a História. (...) Os sofrimentos passados merecem algo mais do que o esquecimento; pois é fortuna a força social que se acumulou até no desgaste dos sentimentos e dos interesses. Por exemplo, pode-se dizer: contamos com demasiado mérito para ousar renunciar a ele. (BESSA-LUÍS, p. 51-52)

Além do texto: luso-tropicalismo e luso-brasilidade

Em “A propósito de Freyre (Gilberto)”, texto de 1959, Eduardo Lourenço faz duras críticas a Gilberto Freyre, chegando até mesmo a afirmar que os principais pontos da teoria do autor brasileiro – exaltação obsessiva do luso-tropicalismo; apologia da compreensão intersexual entre raças; elogio da miscigenação – não são uma novidade, e sim, “há séculos, o lugar-comum da autointerpretação ibérica da sua aventura tropical.” (LOURENÇO, 1999, p. 128). Lourenço (1999) acredita que a originalidade de Gilberto Freyre tem menos que ver com

⁷ Grifos nossos.

uma nova compreensão do passado colonial do que com uma prévia mitificação da realidade tropical. E tal mitificação não é isenta:

Em particular, o sociologismo polémico e apologético de G. Freyre esconde, sob a cordialidade luxuriante de um “universo tropical”, intenções nada inocentes. As suas sínteses são abusivas, os seus *slogans* primários são o emblema de cruzadas duvidosas. Este resultado histórico da sua apologética não pode nem deve ser silenciado. Não é um acaso, nem um abuso de interpretação, mas o seu comentário, por assim dizer, autorizado. (LOURENÇO, 1999, p. 133).

Casa-grande e senzala é o texto fundamental do conceito de luso-tropicalismo (VECCHI, 2010). Vecchi (2010) entende que o livro de Freyre teve grande importância na consolidação da ideia de que a colonização portuguesa foi diferente, por ser o português mais adaptável e “plástico” e, por conseguinte, criador de um modelo sem divisores raciais. Daí, como sugeriu Lourenço (1999), decorrem implicações ideológicas que favoreceram a política colonial de Salazar:

(...) será justamente a passagem das teorias sociais desta década para os desenvolvimentos retóricos e ideológicos dos anos sucessivos a configurar o luso-tropicalismo como exaltação da lusitanidade tropical e álibi civilizador que confere um atestado de legitimidade ao Império. (VECCHI, 2008, p. 64)

Vecchi (2008) também adverte que o prefácio de *O mundo que o português criou* serviu como propaganda do luso-tropicalismo, com a exaltação dos feitos portugueses, o que, juntamente com *Casa-grande e senzala* forneceu imunidade ao Imperialismo português (VECCHI, 2010), numa altura em que este já estava sendo questionado e atacado.

Alexandra Lucas Coelho (2016) lembra das viagens que, patrocinado pela ditadura salazarista, um desiludido e menosprezado Freyre faz pelo império português, e que darão origem a *O mundo que o português criou*, em 1940. Para Lucas Coelho (2016), a relação entre Freyre e o salazarismo foi uma troca: enquanto Freyre precisava de Portugal para a afirmação internacional de sua tese, Portugal precisava dele para legitimar o Império como uma nação ideal, em que todos seriam iguais perante Deus e à justiça. Entretanto, a escritora portuguesa lembra que *Casa-grande e senzala* é “um retrato de como a miscigenação não foi português-suave” e que “o horror que o salazarismo tentou limpar da história colonial está lá, alicerce do que até hoje faz e desfaz o Brasil” (LUCAS COELHO, 2016, p. 469). Ademais, Lucas Coelho considera que, em última análise, está claro que para o pernambucano Portugal representava o passado, enquanto o Brasil ocupava o centro de seu luso-tropicalismo.

Se o luso-tropicalismo é um mito, Eduardo Lourenço (1999) considera que a comunidade luso-brasileira também o é. Lourenço (1999) acredita que o diálogo entre a realidade portuguesa e a brasileira não existe, pois, enquanto Portugal continua a sonhar o Brasil como continuação de si próprio, o Brasil vê Portugal apenas como um pontinho em algum lugar longe no mapa, com o qual está vagamente relacionado. A respeito disso, caberia a Portugal aceitar a posição do Brasil:

Não compete a um português pronunciar-se acerca da forte ou fraca consciência que o brasileiro médio possui de uma comunidade profunda com Portugal. Nós queremos dizer que não nos compete julgá-la. Podemos lastimar que ela seja tenuíssima ou regozijarmo-nos por sabê-la atuante e viva. Mas em si mesma ela é assunto brasileiro, ela é criação, expressão da realidade do homem brasileiro. Pensar de outro modo é já conceber o Brasil como nação que nos *deva* particular deferência, solidariedade ou estima. (LOURENÇO, 1999, p. 77)

À primeira vista, o texto de Lourenço oferece um contraponto ao ressentimento de Agustina em relação ao apagamento de Portugal no Brasil. O autor afirma com todas as letras que “No fundo, o português, por mais incrível que pareça, ainda não se consolou de ter *perdido* o Brasil. Num canto materno da nossa alma alguém chora esse pedaço de Portugal.” (LOURENÇO, 1999, p. 90).

Contudo, pensar Portugal-Brasil parece fazer os intelectuais portugueses hesitarem a descartar o vínculo com a ex-colônia. Indiretamente, Lourenço (1999) acaba por defender a presença de Portugal na memória brasileira, erguendo suas próprias defesas (Brasil, país do futuro; Brasil não conhece Portugal; Brasil precisa de Portugal para conhecer a si mesmo):

A consciência da sua história, a presença do passado, constituem a referência basilar, a obsessão da consciência portuguesa. (...) Ao contrário, à consciência do brasileiro é essencial o êxtase maravilhado do presente e o entusiasmo épico pelo futuro. (LOURENÇO, 1999, p. 81)

A ignorância da realidade brasileira por parte dos portugueses é grande, injustificada e injustificável, mas não pode comparar-se à ignorância maciça, visceral, que o brasileiro tem de Portugal e dos portugueses. (LOURENÇO, 1999, p. 96)

Pouco importa já que o Brasil não nos veja. Mais importante é saber que o Brasil não se poderá ver a si mesmo sem nos ver. O progresso da sua autognose só pode ser o do aprofundamento da sua substância lusíada. (LOURENÇO, 1999, p. 98)

Considerações finais

Assim como *Casa-grande e senzala*, *Breviário do Brasil* é uma obra contraditória, como este artigo tentou demonstrar. As ideias dos críticos que comentaram essas obras não são menos complexas e ambivalentes. Isto não significa que os grandes autores trazidos aqui não saibam do que falam, mas que a representação de um país pelo olhar de um estrangeiro nunca é simples e, raramente, livre de estereótipos. O Outro assusta e, para encará-lo mais seguramente, cada qual ergue suas barreiras, reais ou imaginárias. No caso do Brasil visto por um português, o passado e a língua partilhados vêm à tona como uma luz, a qual pode tanto guiar quanto cegar. Agustina Bessa-Luís, consciente disso, procurou o auxílio da obra de um brasileiro, Gilberto Freyre, mas vimos que os reflexos de *Casa-grande e senzala* não foram esclarecedores, antes carregaram os contornos de certos estereótipos vinculados ao Brasil.

Com a análise das relações entre os textos de *Casa-grande e senzala* e *Breviário do Brasil* não queremos afirmar que Agustina Bessa-Luís defende ideias próprias do colonialismo, considerando que o Brasil deveria continuar subordinado a Portugal, e sim apontar as implicações da obra de Freyre em relação ao imaginário partilhado entre Brasil e Portugal. Como vimos, o conceito de luso-tropicalismo guarda armadilhas que transcendem o plano discursivo, bem como cristalizam mitos e ideias que não contribuem para as boas relações entre a ex-colônia e a ex-metrópole, antes as confundem em perigosas generalizações e aproximações que não agradam nem favorecem a todos os lados envolvidos. Pensar em uma comunidade luso-brasileira, por sua vez, não constitui tarefa menos problemática.

Cabe ressaltar que, para além dos portugueses e de Gilberto Freyre, boa parte dos brasileiros também vê seu país de forma idealizada, acreditando, por exemplo, no mito da democracia racial, com graves consequências para nossa sociedade:

A façanha que representou o processo de fusão racial e cultural é negada (...) no nível aparentemente mais fluido das relações sociais, opondo à unidade um denominador cultural comum, com que se identifica um povo de 160 milhões de habitantes, a dilaceração desse mesmo povo por uma estratificação classista de nítido colorido racial e do tipo mais cruamente desigualitário que se possa conceber. O espantoso é que os brasileiros, orgulhosos de sua tão proclamada, como falsa, “democracia social”, raramente percebem os profundos abismos que aqui separa os estratos sociais. (RIBEIRO, 1995, p. 24)

Passados quase duzentos anos da Independência do Brasil (1822), as relações Portugal-Brasil, continuam, no mínimo, embaraçadas. Ressentimento, delírio, fascínio e miragem são algumas das palavras que Eduardo Lourenço usa para caracterizar o vínculo que Portugal tem – ou pensa ter – com o Brasil atual. Em contrapartida, o Brasil não se mostra mesmo disposto

a agradecer e valorizar a ex-metrópole. Escravidão, exploração, repressão e subdesenvolvimento parecem justificar essa tentativa de esquecimento. Voltamos então à clássica questão do pai e do filho, que aparece em vários textos portugueses, para refletir sobre esse suposto apagamento. Afinal, o Brasil esqueceu o que Portugal fez por ele? Ou está tentando, qual filho traumatizado por um pai autoritário e violento, entender o que Portugal fez dele (e o quanto alguns de seus problemas não são culpa do velho pai)? Talvez mais duzentos anos ajudem a esclarecer melhor os porquês e os senões desse passado colonial ainda tão presente e traumático.

REFERÊNCIAS

- BESSA-LUÍS, Agustina Bessa-Luís. *Breviário do Brasil e outros textos*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LOURENÇO, Eduardo. *Do Brasil: fascínio e miragem*. Org. e prefácio de Maria de Lourdes Soares. Lisboa: Gradiva, 1999.
- LUCAS COELHO, Alexandra Lucas. *Deus-dará*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.
- MELLO, Alfredo César. Saudosismo e crítica social em Casa grande & senzala: a articulação de uma política da memória e de uma utopia. *Estudos avançados*, v. 23, n. 67, 2009.
- MEXIA, Pedro. Prefácio. In: BESSA-LUÍS, Agustina Bessa-Luís. *Breviário do Brasil e outros textos*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 50 ed. revista. São Paulo: Global, 2005.
- _____. *O mundo que o português criou*. Coleção Gilberto Freyre. São Paulo: É Realizações, 2010.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.
- VECCHI, Roberto. Escravidão do Atlântico Sul: repensando a diáspora negra no Ultramar português. *Via atlântica*, n. 13, 2008.
- _____. *Exceção Atlântica: pensar a literatura da Guerra Colonial*. Porto: Afrontamento, 2010.

**Artigo recebido em fevereiro de 2018.
Artigo aceito em maio de 2018.**